

A Prova «Era uma Vez»: Uma Nova Prova Projectiva para Crianças (*)

TERESA FAGULHA (**)

A prova «Era uma vez...» é uma técnica projectiva para crianças que procura fornecer um meio de observação do modo como elas lidam com a ansiedade e com o prazer, emoções cuja elaboração ou integração indiciam aspectos fundamentais da organização da mente. Estas emoções são evocadas por situações desenhadas nos Cartões que constituem a prova.

Os Cartões são apresentados às crianças com a indicação de que se trata de uma história «que ainda não está acabada». As crianças deverão dar sequência à história escolhendo três cenas desenhadas, entre nove possíveis. Concluída a história é-lhes pedido que a «contem».

Apresenta-se neste artigo uma breve descrição da prova (material e características da sua aplicação e interpretação), das teorias de referência que orientaram a sua criação, e ainda alguns estudos efectuados com a prova, em diferentes amostras de crianças de idades compreendidas entre os cinco e os nove anos.

1. DESCRIÇÃO DA PROVA E APRESENTAÇÃO DAS TEORIAS DE REFERÊNCIA

O nome da prova faz alusão, quer às caracte-

rísticas específicas da situação proposta (o mundo das histórias), quer ao paradigma básico que orientou a sua construção, a «área transicional» da experiência, espaço entre a fantasia e a realidade (Winnicott, 1971/75), onde se podem elaborar, numa forma criativa, as experiências emocionais.

A prova «Era uma vez...» tem por objectivo, como atrás se referiu, descrever o modo como as crianças elaboram as emoções, nomeadamente a ansiedade e o prazer, consideradas estados afectivos fundamentais no processo de desenvolvimento. As características do material, assim como a sua forma de aplicação, resultam da reflexão sobre uma prática clínica inserida no quadro das teorias psicodinâmicas de funcionamento psicológico.

Considerando-se que a experiência de ansiedade está presente desde o início da vida, interessa compreender o modo como cada criança lida com essa emoção dolorosa, qual é a sua forma de elaboração face a esse «sinal» (Freud, 1978/1926) que cada situação potencialmente ameaçadora poderá despertar. De facto, muitos dos medos e ansiedades que se observam nas crianças são experiências intrínsecas à sequência do desenvolvimento e que, como tal, fazem parte do desenvolvimento normal (e.g., Kendal & Ronnan, 1990). Afirma Melanie Klein (1973/1932) que os medos e ansiedades são expressos mais espontaneamente pelas crianças do que pelos adultos, chamando a atenção para o facto de ser a ausência da sua expressão o aspecto re-

(*) Esta prova constituiu o tema da dissertação de doutoramento da autora, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa em 1992. O material da prova foi editado em Julho de 1993, juntamente com um Manual.

(**) Professora Auxiliar, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

levante do ponto de vista diagnóstico (Klein, *Ibidem*).

Reconhece-se, paralelamente, a função organizativa das experiências de prazer no desenvolvimento psicológico, desde o início e ao longo de todo o ciclo de vida (G. Klein, 1972; M. Klein, 1973/1932). A forma como elas são fantasiadas pelas crianças revelará a sua capacidade de usufruir dessas vivências agradáveis, ou, pelo contrário, alguma dificuldade, ou mesmo impossibilidade de aproveitá-las. As experiências prazerosas podem surgir como compensatórias das inevitáveis experiências dolorosas, numa função adaptativa que permite criar o sentimento de confiança na vida e fortalecer as relações com o mundo. Pelo contrário, a reacção negativista face à expectativa do prazer poderá constituir um alerta do ponto de vista diagnóstico, apontando para a possibilidade de um desenvolvimento psicológico desajustado, ou mesmo de uma evolução psicopatológica (Klein, 1973/1932).

Na consulta psicológica da criança, a entrevista lúdica constitui, geralmente, o primeiro passo do processo e proporciona o «setting» onde se pode revelar, através da utilização dos objectos-brinquedos postos à disposição da criança, o modo como ela elabora as ansiedades que acompanham o processo de desenvolvimento, como expressa os seus desejos, medos e fantasias, quais as motivações conscientes e inconscientes, como procura controlar as experiências do seu dia-a-dia. Abre-se, assim, acesso à compreensão da vivência emocional da criança, entendida como cristalização de relações actuais e passadas com o seu mundo de pessoas e de coisas.

A condução da entrevista lúdica exige uma experiência sólida (apoiada numa supervisão regular), na medida em que se liga intrinsecamente à compreensão dos significados expressos nos actos brincados e à sequência em que se desencadeiam, numa larga e imprevisível variabilidade.

A constatação desta complexidade levou ao desejo de criar uma situação que, mantendo as características fundamentais da actividade lúdica enquanto espaço criativo de elaboração das experiências emocionais, entre a fantasia e a realidade (Winnicott, 1975/1971), se apresentasse estandardizada, no seu modo de apresentação e interpretação, permitindo complementar,

com economia de meios, os elementos obtidos na entrevista.

Para dar forma a este «espaço criativo» imaginou-se a apresentação de histórias em forma de banda desenhada. Cada história é apresentada em três cenas desenhadas num Cartão (na parte superior numa cartolina de formato A4). A cada um correspondem nove cenas individuais, formalmente semelhantes às que constam no Cartão, e que permitem continuar o episódio nele apresentado.

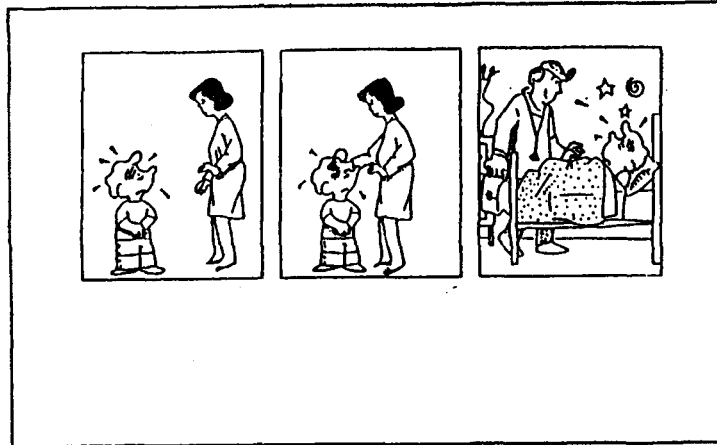
As histórias representadas nos diversos Cartões dizem sempre respeito a uma mesma personagem¹, menino ou menina, consoante o sexo da criança a observar. As histórias representam episódios, comuns na vida infantil, ansiogéneos (perder-se, estar doente, ter um pesadelo, etc.) ou prazerosos (fazer anos, ir à praia e poder brincar com outras crianças), e a tarefa pedida à criança é o completamento das histórias apresentadas.

Outras técnicas projectivas para crianças utilizam a modalidade de completamento de histórias (e.g. Wurstein, 1966; Duss, 1971/1950). Nessas provas as histórias são apresentadas verbalmente e o seu completamento é também verbal. Na prova «Era uma vez...» optou-se pelo seguinte procedimento: apresentação desenhada das histórias, as quais são, simultaneamente, descritas pelo psicólogo. Este apresenta, em seguida, as várias cenas desenhadas que podem dar continuação à história, e pede à criança que a complete escolhendo três cenas e colocando-as em sequência; é-lhe então pedido que descreva a história que organizou.

O procedimento adoptado não assenta pois, prioritária ou exclusivamente, na verbalização. Diz Winnicott que «brincar é fazer» (Winnicott, 1975/1971) e, assim, manipular, escolher, foram os critérios que orientaram o tipo de resposta. Também Beier (1966) chama a atenção para o facto de a criança depender, mais do que o adulto, da «linguagem silenciosa». Não tendo ainda o perfeito domínio das «nuances» da linguagem que permite a capacidade de se «esconder» atrás das palavras, a criança expressa mais fácil e espontaneamente os seus desejos e medos através

¹ Tal como acontece no teste de Patte Noir (Corman, 1981/1961) e nos Blacky Pictures (Blum, 1966, 1946).

FIGURA 1



Ex. de uma situação ansiogénea (Cartão II)



Ex. de uma situação prazerosa (Cartão V)

da acção. Optou-se, assim, pela utilização combinada de estímulos visuais (descritos pelo psicólogo) e respostas que implicam, num primeiro tempo, tarefas visuais e motoras (selecção das cenas) e, só num segundo momento, a descrição verbal.

As características da situação de prova, no modo de aplicação descrito, reflectem ainda um outro aspecto inspirado na entrevista lúdica: a implicação mútua, a partilha a dois (psicólogo e criança). De facto, quando o psicólogo apresenta e descreve o Cartão e dá a vez à criança para que ela selecione as cenas e as descreva, estabelece-se um «vai-vem», uma representação do «agora

tu-agora eu» (Leal, 1985/1975) que facilita e promove a comunicação expressiva.

Como se disse, os acontecimentos críticos expressos nos diversos Cartões representam temas que constituem experiências ansiogéneas (situações expressas nos Cartões I, II, IV, VI e VII) e prazerosas (situações expressas nos Cartões III e V), comuns na vida infantil. Existe ainda um Cartão para exemplificação e treino do procedimento.

O Cartão I apresenta uma situação em que a personagem, ao passear com a mãe, fica perdida. As respostas a este tema permitem elucidar o modo como as crianças se confrontam com a

ansiedade de separação e perda, presente desde o início da vida e paradigma de todos os estados afectivos dolorosos. Nascemos, separando-nos da experiência de intimidade única da vida intra-uterina, morremos, separando-nos do mundo de pessoas e coisas que conhecemos. Entre estes dois pontos limites, confrontamo-nos constantemente com situações que nos fazem experimentar a dor ou a ameaça de perdas.

O Cartão II apresenta a personagem doente e necessitando de cuidados médicos. Esta situação poderá despertar ansiedades associadas ao medo do sofrimento físico, da perda de integridade física, ou até da vida, da culpabilidade inconsciente associada à ideia de doença (a associação entre doença e castigo, sempre presente no inconsciente colectivo). Esta situação poderá ainda associar-se à experiência de receber cuidados e carinhos especiais (por exemplo, maior proximidade com os pais), ou à separação da família a que, por vezes, a necessidade de internamento conduz.

O Cartão III apresenta um acontecimento agradável: um passeio da personagem à praia, com os pais, e a expectativa de poder brincar com outras crianças. As respostas das crianças permitirão entender o modo como internamente vivem as experiências ligadas a esse convívio, fantasiado como prazeroso, desejável mas temido, ou, por vezes, ameaçador, se o medo da rejeição superar a esperança na aceitação pelos pares e a expectativa de com eles poder brincar.

O Cartão IV representa a personagem a acordar com um pesadelo. Sendo o medo do escuro, os pesadelos e os terrores nocturnos, experiências comuns no desenvolvimento infantil, será a intensidade da ansiedade associada a esta experiência que permitirá avaliar aspectos relevantes da reacção individual, dando acesso à forma como cada criança enfrenta esta ansiedade colocada no sonho, ou seja, entre a fantasia e a realidade.

O cartão V representa o dia do aniversário da personagem. Afirma Melanie Klein (1973/1932) que este dia (tal como os domingos e outras festas de família) acena às crianças com uma possibilidade de renovação e recomeço, em que os presentes e atenções recebidas significam uma compensação para as dádivas de amor que desejam e não obtêm, ou não obtêm da forma desejada. Pelo contrário, não receber presentes

poderá significar para a criança um castigo pelos seus impulsos agressivos. Se a culpabilidade for demasiado intensa, o medo da decepção poderá levar à total supressão dos desejos. Assim, a expressão do prazer ou do desejo ou, pelo contrário, a reacção de frustração face à expectativa de acontecimentos agradáveis e gratificantes, constituem elementos relevantes para a compreensão do funcionamento psicodinâmico.

O Cartão VI apresenta uma situação em que a personagem presencia um conflito entre os pais. Esta temática é apresentada com o objectivo de revelar características da reacção emocional da criança face ao casal, e do modo como se situa no conflito entre o desejo e o medo da sua separação.

O último Cartão, Cartão VII, tem como tema a dificuldade de aprendizagem no contexto da sala de aula. Esta situação poderá ser vivida como um ataque, mais ou menos intenso, à auto-estima da criança, revelando os mecanismos, defensivos ou adaptativos, para lidar com esta experiência, comum no decurso da aprendizagem escolar, e cuja vivência interna tem particular interesse em ser entendida nos casos em que o pedido de observação psicológica é desencadeado por dificuldades de aprendizagem.

As nove cenas respeitantes a cada Cartão estão divididas em três categorias: três cenas representam, graficamente, contextos ligados a emoções dolorosas, ou de perigo, associados à experiência de ansiedade – cenas de Aflição. Outras três cenas representam, graficamente, situações em que a personagem encontra, na fantasia, uma forma de aliviar a tensão – cenas de Fantasia. As restantes três cenas representam, graficamente, uma estratégia de acção para resolver a situação crítica apresentada, ou mostram simplesmente a evidência da aceitação da realidade, dolorosa ou prazerosa – cenas de Realidade.

A categoria das cenas que cada criança escolhe para continuar a história, em conjugação com a posição em que as coloca na sequência que com elas organiza (1.^a, 2.^a ou 3.^a posição) revelam movimentações características na elaboração dos fenómenos emocionais despertados por cada um dos Cartões.

É de chamar a atenção para o facto de, intencionalmente, não existir uma completa equivalência, ou uma simetria absoluta, entre as cenas da mesma categoria. Assim, nas cenas de Afli-

ção pode reconhecer-se uma graduação da intensidade da ansiedade expressa nas diferentes situações desenhadas, que varia de «aflição» a «muita aflição». Quanto às cenas de Fantasia, se bem que todas representem situações agradáveis face ao acontecimento crítico representado no Cartão, umas ilustram aspectos de fantasia onipotente ou de realização impossível – «fantasia mágica» – enquanto que outras representam acontecimentos bons, mas viáveis, que constituem uma alternativa agradável à situação crítica proposta no Cartão – «fantasia boa». No que respeita às cenas de Realidade, e como se referiu, algumas ilustram situações de aceitação da realidade (dolorosa ou agradável) proposta no Cartão, enquanto que outras representam estratégias resolutivas dessa situação.

FIGURA 2



Cenas do Cartão II

Múltiplas combinações² podem surgir na organização das sequências, permitindo deduzir movimentações internas na elaboração e integração das emoções e permitindo descrever tendências de utilização de mecanismos de regulação dos afectos, despertados pelas situações apresentadas na prova. Através desse movimento interno que

² Considerando as combinações das três categorias de cenas nas três posições da sequência podem obter-se 27 sequências diferentes.

a sequência de cenas descreve, complementado pela descrição verbal da história, procura-se avaliar a forma como o ego se confronta com as emoções: se pode tolerar a tensão e realizar compromissos que viabilizem a gratificação dos impulsos de acordo com a realidade, se a fantasia pode funcionar como um refúgio face às emoções dolorosas, ou se estas são tão intensas que submergem todo o funcionamento, ou até que ponto o ego tem capacidade de separar desejo e fantasia. O funcionamento egóico expressará, não só o acesso a diferentes formas de elaboração emocional, mas revelará ainda o desenvolvimento de capacidades perceptuais e cognitivas.

Para além das nove cenas postas à disposição das crianças para dar continuação às histórias existe, para cada Cartão, uma décima cena que é colocado pelo psicólogo quando a criança termina a descrição verbal da história, e que apresenta uma resolução factual e objectiva da situação crítica apresentada no Cartão. Pretende-se, com este procedimento, que a temática apresentada em cada Cartão fique solucionada de forma estandardizada para todas as crianças, de modo a que a reacção interna face ao estímulo seguinte não seja contaminada pelo final, «feliz» ou «infeliz», que cada criança deu à história anterior.

A prova tem ainda um Cartão para finalização, que representa o retrato da personagem, e face ao qual são colocadas algumas questões relativamente às situações apresentadas. Este último Cartão foi criado com o objectivo de fornecer um espaço que facilite à criança a transição entre a situação de prova (a qual, de algum modo, toca os conflitos do seu mundo interno) e o restabelecimento do contacto com a realidade externa.

Tal como atrás se referiu, a interpretação incide sobre as cenas escolhidas e a posição em que são colocadas na sequência, sobre elementos e características da história verbalizada e ainda sobre aspectos da atitude da criança face à situação de prova. Estes elementos são assinalados numa grelha de análise, composta por diversos itens dicotómicos, e que serve de base à interpretação das respostas. A sua apreciação revelará características da elaboração interna face às emoções despertadas pelos diversos Cartões, dos movimentos defensivos da criança, das suas relações com o seu mundo de «objectos internos» e «ex-

ternos», a expressão dos sentimentos associados, etc. Considera-se, no entanto, que sendo a avaliação psicológica um processo global e complexo, os elementos de interpretação da prova adquirem maior riqueza de significado quando articulados e integrados com os restantes elementos obtidos nesse processo, ajudando a enriquecer a compreensão global da criança, nomeadamente pela forma como elabora as emoções e se relaciona com «outros significativos».

Por outro lado, e na medida em que se admite uma ligação entre o funcionamento normal e o funcionamento patológico – em que o conhecimento das ansiedades e medos normais no desenvolvimento infantil conduz a uma melhor compreensão dos medos e ansiedades patológicas, as quais, reciprocamente, funcionam como uma «lente de aumentar» na compreensão do funcionamento normal - pretende-se que a prova «Era uma vez...» se possa desenvolver no quadro de utilização das técnicas projectivas apontado por Traubenberg (1983), numa dupla perspectiva, clínica e de investigação, que constitui a especificidade da actividade dos psicólogos.

2. ESTUDO EXPERIMENTAL DA PROVA

2.1. *Estudo prévio*

A prova foi estudada numa amostra de 162 crianças, 79 raparigas e 83 rapazes, de idades compreendidas entre os cinco e os nove anos (Fagulha, 1992). Foi aplicada por várias psicólogas (que para esse fim receberam preparação) em estabelecimentos de ensino oficial e particular da zona de Lisboa.

Este estudo contemplou três ordens de objectivos:

1. Avaliar a reacção das crianças à prova, quer em termos da sua adesão à situação, quer ainda das características das respostas obtidas. Quanto a estas, interessava essencialmente verificar se apresentavam variabilidade suficiente para permitir captar elementos da reacção individual.

2. Verificar se a forma como as crianças descreviam as cenas correspondentes a cada Cartão coincidia com os significados que nelas se pretendeu representar. Era necessário conhecer qual

o significado que a maioria das crianças atribuíam às Cenas que escolhiam, para se determinar a concordância entre a descrição feita por elas e a intenção que presidira à concepção e desenho de cada cena.

3. Fornecer elementos para a elaboração do «sistema de análise das respostas», nomeadamente os relativos aos aspectos de verbalização das histórias.

Em relação ao ponto 1 pretendia-se que as psicólogas, durante a aplicação, registassem todos os aspectos informativos da atitude das crianças face à situação proposta, bem como de eventuais dificuldades encontradas na sua aplicação.

Para obter a informação necessária ao esclarecimento do ponto 2 procedeu-se do seguinte modo: as histórias que as crianças verbalizaram foram transcritas integralmente e posteriormente segmentadas com base nas verbalizações correspondentes a cada uma das Cenas. Procedeu-se, então, à análise do conjunto de verbalizações referentes a cada cena, para determinar a concordância, ou divergência, entre os significados atribuídos pelas crianças, ao descrever cada Cena, no contexto das histórias que construíram, e o significado que nelas se pretendia expressar.

Para elaborar o sistema de análise das respostas procedeu-se a uma inspecção qualitativa das respostas obtidas, no sentido de integrar na análise todos os elementos de informação da reacção emocional das crianças que, empiricamente, se verificava poderem surgir nas respostas (para além, evidentemente, dos aspectos previamente estabelecidos de acordo com os pressupostos que presidiram à criação do material).

Resultados

1. Em relação ao primeiro objectivo verificou-se que a prova teve boa aceitação pelas crianças dos diferentes níveis etários que, de um modo geral, colaboraram numa forma interessada. Verificou-se uma grande variabilidade nas respostas. Todas as cenas foram escolhidas. A frequência de escolha de cada cena variou entre 19 (cenas 9 do Cartão I e 6 do Cartão VI, escolhidas por 12% das crianças) e 108 (cena 8 do Cartão V, escolhida por 67% das crianças).

2. Em relação ao segundo objectivo do estudo,

que visava o conhecimento da forma como as crianças descreviam cada uma das cenas correspondentes aos sete Cartões, verificou-se que as Cenas eram percebidas, pela maioria das crianças, de acordo com o significado que presidira à sua concepção. As verbalizações mais comuns referentes a cada uma das cenas foram sintetizadas de acordo com o seu conteúdo e organizadas em Quadros para facilitar a consulta desta informação (ver Fagulha, 1992).

3. O terceiro objectivo concretizou-se pela elaboração de um sistema de análise das respostas que contempla diversos aspectos: atitude da criança face à situação; tipo de cenas escolhidas e sua posição na sequência; características das histórias verbalizadas, quer na sua interligação com as cenas correspondentes, quer relativas a aspectos formais e de conteúdo das verbalizações.

2.2. Estudo do Sistema de Análise das Respostas

Considerando a larga variabilidade das respostas obtidas no estudo anterior, pareceu adequado restringir agora o leque de idades a estudar, aumentando o número de sujeitos da amostra.

Assim, a prova foi aplicada a uma amostra de 245 crianças, 130 raparigas e 115 rapazes, de idades compreendidas entre os seis e os oito anos, a frequentarem o ensino oficial e particular, na cidade de Lisboa. A média e a mediana situam-se nos sete anos.

Pretendia-se identificar aglomerados estatísticos dos diferentes itens que constituem «o sistema de análise das respostas» e avaliar ainda a sua contribuição individual para a informação total fornecida por este sistema.

Registaram-se as respostas das crianças da amostra de acordo com o «sistema de análise das respostas». Procedeu-se ao estudo estatístico³ dos dados obtidos pelo «método dos clusters hierárquicos», sendo a medida de segurança esco-

lhida o «coeficiente de matching de Jacquard». Obtiveram-se as matrizes de semelhança dos itens da grelha de análise das respostas para cada um dos Cartões e para o conjunto dos sete Cartões.

Resultados

Os itens do «sistema de análise das respostas» aglomeraram-se em sete «clusters», padrão de aglomeração que se repetiu no conjunto dos sete Cartões, bem como em cada um deles. Constatou-se, no entanto, a existência de características particulares na organização da árvore de «clusters» correspondente a cada Cartão, o que permitiu confirmar que eles constituem situações independentes, como se concebeu ao construir a prova.

Da apreciação global e comparativa do peso de cada um dos itens concluiu-se que cerca de 1/3 apresentava uma pequena contribuição para a informação veiculada. Tendo sido retirados esses itens, o novo «sistema de análise das respostas» foi submetido a igual tratamento estatístico, que revelou manterem-se as características fundamentais. Posteriormente, e de acordo com a experiência decorrente da utilização da prova em estudo de casos, foram introduzidos alguns novos itens (Fagulha, 1993).

2.3. Caracterização das respostas em função das Cenas escolhidas

As respostas obtidas com a amostra anterior foram analisadas de acordo com as categorias de cenas escolhidas pelas crianças, em cada um dos Cartões, e a posição em que as colocaram para organizar a sequência da história.

Havia a necessidade de caracterizar e delimitar aspectos específicos do «sistema de análise de respostas». Vários itens deste sistema correspondem aos aspectos referidos (categoria/posição das cenas escolhidas), os quais constituem os elementos de análise mais objectivos e fáceis de classificar. Nos protocolos da amostra referida no estudo anterior determinou-se a frequência (e percentagem correspondente) de cada uma das três categorias de cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das três posições (1.^a, 2.^a e 3.^a) das sequências organizadas pelas crianças em cada Cartão.

De acordo com os pressupostos teóricos sub-

³ Este foi planeado e executado pela Professora Fátima Fontes de Sousa, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a quem expresseo o meu agradecimento.

QUADRO 1

Frequência de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências (N=245)

CARTÃO CENA/POSIÇÃO	I	II	III	IV	V	VI	VII
1. ^a Posição Aflição	116	118	44	183	46	56	87
1. ^a Posição Fantasia	52	49	85	25	73	79	50
1. ^a Posição Realidade	77	78	116	37	126	109	107
2. ^a Posição Aflição	104	95	59	103	62	103	96
2. ^a Posição Fantasia	70	61	82	85	100	78	66
2. ^a Posição Realidade	71	89	104	57	83	63	82
3. ^a Posição Aflição	71	93	73	81	57	73	87
3. ^a Posição Fantasia	76	101	98	104	98	117	89
3. ^a Posição Realidade	98	51	74	60	90	54	68

Nota: Dado que uma criança se recusou a prosseguir a prova a partir do Cartão V, os Cartões VI e VII correspondem a N=244

jacentes à construção da prova, as respostas «categoria de cena/posição na sequência» permitem inferir características da reacção emocional das crianças face à temática apresentada em cada um dos Cartões. Assim, a qualidade da emoção despertada (ansiosa ou prazerosa) será revelada pela categoria de cenas escolhida com maior frequência. A forma como as crianças elaboram essas emoções, traduzir-se-á pelas características das sequências que organizam.

Resultados

Apresentam-se nos Quadros 1 e 2, as frequências e percentagens de escolha das três categorias de cenas em cada uma das três posições das sequências organizadas pelas crianças, em cada um dos Cartões.

Os Cartões que representam temáticas ansiogêneas (Cartões I, II, IV, VI e VII) dão origem a uma maior frequência de cenas de Aflição, enquanto que, em resposta aos Cartões que apresentam temáticas prazerosas (Cartões III e V), se encontra uma menor frequência de escolhas destas cenas e, conseqüentemente, maior frequência de cenas de Realidade e/ou de Fantasia. Tal constatação, embora esperada (dada a característica relativamente estruturada dos estímulos) confirmou que as temáticas que presidiram à

concepção e desenho dos diferentes Cartões se revelavam ansiogêneas ou prazerosas, de acordo com o que fora previsto.

Na análise das respostas ao Cartão I (que representa a personagem sozinha e perdida), verifica-se uma maior frequência de escolha de Cenas de Aflição, as quais são predominantemente colocadas no início da sequência (na 1.^a e 2.^a posição, numa frequência que se diferencia, a nível estatístico, das outras duas categorias de cenas). A síntese descritiva das respostas obtidas permitirá afirmar que a situação apresentada no Cartão I desperta uma ressonância de emoção ansiosa com uma elaboração que, podendo passar pela fuga na fantasia e pelo recurso à realidade, conduz, com maior frequência, à busca de uma solução realista.

Passando à análise das respostas ao Cartão II (que representa a personagem doente e necessitando de cuidados médicos) verifica-se ainda um domínio das Cenas de Aflição, colocadas preferencialmente no início da sequência, mas que mantêm uma alta frequência de escolha na 3.^a posição. Na 2.^a posição surge, igualmente, uma tendência para o confronto com os aspectos da realidade (dolorosa) da doença. Verifica-se, no entanto, que para lidar com a situação de doença, a qual, em larga medida, ultrapassa a ca-

QUADRO 2

Percentagem de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências (N=245)

CARTÃO\ CENA/POSIÇÃO	I	II	III	IV	V	VI	VII
1. ^a Posição Aflição	47.4	48.2	17.9	74.7	18.8	22.8	35.7
1. ^a Posição Fantasia	21.2	20.0	34.7	10.2	29.8	32.2	20.4
1. ^a Posição Realidade	31.4	32.8	47.4	15.1	51.4	45.0	43.9
2. ^a Posição Aflição	42.5	38.8	24.1	42.0	25.3	42.2	39.3
2. ^a Posição Fantasia	28.6	24.9	33.5	34.7	40.8	32.0	27.1
2. ^a Posição Realidade	28.9	36.3	42.4	23.3	33.9	25.8	33.6
3. ^a Posição Aflição	28.9	37.9	29.8	33.1	23.3	29.9	35.7
3. ^a Posição Fantasia	31.1	41.2	40.0	42.5	40.0	48.0	36.5
3. ^a Posição Realidade	40.0	20.9	30.2	24.4	36.7	22.1	27.8

pacidade de controlo pessoal, as crianças tendem a organizar o desfecho, não tanto com a procura de soluções realistas, mas antes pelo recurso à fantasia. No entanto, a percentagem de cenas de Aflição na 3.^a posição revela que, para algumas crianças da amostra, a situação de doença representa uma acontecimento de difícil resolução interna.

Nas respostas ao Cartão III (cujo tema diz respeito a um passeio à praia, com os pais, e à possibilidade de convívio com outras crianças) verifica-se, de acordo com o tema prazeroso nele representado, que as Cenas de Aflição são as menos escolhidas, sendo particularmente raras na 1.^a posição da sequência. As Cenas mais frequentemente escolhidas pelas crianças da amostra distribuem-se, com relativa homogeneidade, pelas categorias de Fantasia e de Realidade (nesse caso, uma realidade agradável). As respostas a este Cartão confirmam que a temática apresentada não é, de modo geral, detonadora de uma emoção ansiosa, mas desperta, geralmente, a associação a uma realidade prazerosa ou evoca fantasias agradáveis. No entanto, a observação da frequência das escolhas referentes à 3.^a posição revela que, para algumas crianças desta amostra, esta situação, antevista como agradável, desperta alguma associação a sentimentos de ansiedade.

Na análise das respostas ao cartão IV (que re-

presenta a personagem a acordar com um pesadelo) encontra-se um nítido predomínio de escolha de cenas de Aflição, colocadas, de modo preferencial, no início da sequência (1.^a e 2.^a posição). De salientar que o total de cenas de Aflição corresponde a metade do número total de cenas escolhidas. Em termos de frequência de escolha, seguem-se as cenas de Fantasia que, sendo raras na 1.^a posição, constituem o desfecho mais comum. Pode, provavelmente, concluir-se que, se um sonho mau desperta intensa ansiedade, a melhor resolução para essa emoção dolorosa será num sonho bom, ou seja numa fantasia boa.

Passando à análise das respostas ao Cartão V, o segundo Cartão da prova que apresenta um acontecimento prazeroso (representa o dia de aniversário da personagem). De facto, as cenas menos escolhidas são as de Aflição (com uma diferença significativa, em relação às outras duas categorias de cenas, em qualquer das três posições). Na 1.^a posição surgem com maior frequência as cenas de Realidade (uma realidade particularmente agradável). Nos dois outros momentos (2.^a e 3.^a posição) encontramos um equilíbrio oscilante entre a fantasia (de acontecimentos «especialmente» bons) e a realidade prazerosa. As escolhas feitas pelas crianças da amostra vão, pois, no sentido esperado, confirmando o

significado particular a atribuir, neste Cartão, à escolha de cenas de Aflição.

Da análise das cenas escolhidas no Cartão VI (que apresenta a personagem presenciando um conflito entre os pais) salienta-se um predomínio de cenas de Realidade como ressonância imediata ao estímulo (na 1.^a posição as cenas de Realidade diferenciam-se, a nível estatístico, das duas outras categorias de cenas). No segundo momento destacam-se as cenas de Aflição, enquanto que as de Fantasia predominam como desfecho (numa frequência que se diferencia, a nível estatístico, da frequência de cenas de Aflição). Do padrão de respostas obtido parece poder deduzir-se que a maioria das crianças considera o conflito entre os pais como um fenómeno de realidade, que desencadeia um sinal de aflição. No entanto, na resolução de uma situação crítica cujo controlo lhes escapa, fazem essencialmente apelo à fantasia.

Por último, a observação das respostas referentes ao Cartão VII (em que personagem se confronta com uma situação de incapacidade no contexto da sala de aula), revela que as cenas de Fantasia são inicialmente as menos escolhidas. Face à problemática apresentada, a maioria das crianças tende a encontrar, de imediato, uma forma realisticamente adequada para enfrentar a situação de dificuldade (a frequência de cenas de Realidade na 1.^a posição diferencia-se, a nível estatístico, da frequência de cenas de Fantasia, mas não da frequência de cenas de Aflição). De facto, algumas crianças da amostra expressam, na 1.^a cena escolhida, uma ressonância emocional de ansiedade face a esta situação. Na 2.^a posição mantém-se uma distribuição das escolhas, essencialmente entre as cenas de Aflição e de Realidade. O desfecho corresponde novamente a uma alternância entre as três alternativas propostas, o qual não permite descrever uma tendência de resolução claramente delineada, ainda que se observe uma menor frequência de cenas de Realidade.

O estudo permitiu caracterizar o padrão de respostas «categoria de cena/sua colocação na sequência» específico de cada um dos Cartões, confirmando as características ansiogéneas ou prazerosas das temáticas apresentadas, em relação com a categoria das cenas preferencialmente escolhidas. Este padrão constituirá uma referência básica para a interpretação dos resul-

tados obtidos na utilização da prova, quer na prática clínica⁴, quer na prossecução do seu estudo em amostras diversas.

2.4. *Estudo da capacidade discriminativa da Prova*

Pretendeu-se testar a validade da prova de acordo com um critério externo. O comportamento psicossocial, caracterizado pelo «Questionário de Rutter para ser preenchido pelos professores» (Rutter, 1967), permite identificar as crianças «com» e «sem» perturbação emocional, proporcionando ainda, em relação às primeiras, a distinção entre as que apresentam características predominantemente ansiosas ou agressivas (Rutter, 1987; Zimmerman-Tansell et al., 1978). A análise das respostas ao questionário de Rutter sugeriu a possibilidade de identificar as crianças cujo comportamento se caracteriza pelo isolamento social.

Vários professores de escolas do ensino básico, preencheram o «Questionário de Rutter» para todas as crianças das suas turmas, com idades compreendidas entre os seis e os oito anos. A partir dos dados do questionário constituíram-se quatro grupos: um grupo de controlo (N=81) constituído pelas crianças cujos «scores» indicavam ausência de perturbação emocional, um grupo de crianças agressivas (N=21), um grupo de crianças ansiosas (N=21) e um grupo de crianças isoladas (N=12).

A prova foi aplicada às crianças dos quatro grupos e os protocolos obtidos foram analisados de acordo com o «sistema de análise das respostas».

Resultados

Os dados obtidos foram submetidos a uma análise de «clusters» idêntica à que foi utilizada para o estudo do «sistema de análise das respostas»⁵. Submeteu-se a matriz dos dados obtidos

⁴ Neste contexto será sempre necessário proceder à integração dos aspectos respeitantes aos aspectos de verbalização e atitude face à prova, não abrangidos neste estudo.

⁵ Este estudo foi igualmente planeado e executado pela Professora Fátima Fontes de Sousa, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a quem expresso o meu agradecimento.

QUADRO 3
Cartão I (Passeio com a mãe)

GRUPO / CENA	% DE ESCOLHA DAS CENAS				FREQUÊNCIA DE ESCOLHA DAS CENAS			
	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21
1	59%	48%	27%	48%	48	10	3*	10
2	44%	62%	18%	14%	36	13	2	3**
3	28%	48%	9%	19%	23	10	1	4
4	67%	43%	67%	67%	54	9*	7	14
5	15%	24%	64%	24%	12	5	7**	5
6	10%	24%	38%	14%	8	5*	4**	3
7	32%	14%	36%	43%	26	3	4	9
8	31%	29%	45%	33%	25	6	5	7
9	14%	10%	0%	38%	11	2	0	8**

* Diferença significativa

** Diferença muito significativa

através da análise de «clusters» a uma análise global pelo «método de discriminação canónica», obtendo-se a projecção destes dois grupos em relação aos dois eixos principais canónicos e o respectivo mapa de zonas aglomeradas. O eixo C1 refere-se ao «score» padronizado relativo à pontuação dos itens do primeiro aglomerado de «clusters» e o eixo C2 refere-se ao «score» padronizado dos itens do segundo aglomerado de «clusters». A observação das zonas de aglomeração evidencia que os quatro grupos aparecem diferenciados, quer entre si, quer em relação ao grupo de controlo, consoante a sua maior ou menor saturação nos «scores» relativos aos eixos (ver Fagulha, 1992).

A confirmação de que as respostas de grupos de crianças com diferentes características de comportamento psicossocial (traduzindo diferentes modos de funcionamento emocional), analisadas de acordo com o «sistema de análise das respostas», se podem diferenciar em termos estatísticos, permite afirmar o potencial da prova para a categorização das reacções emocionais das crianças das idades consideradas.

2.5. Caracterização da elaboração das emoções em diferentes grupos de crianças

Este estudo surge na sequência do anterior e

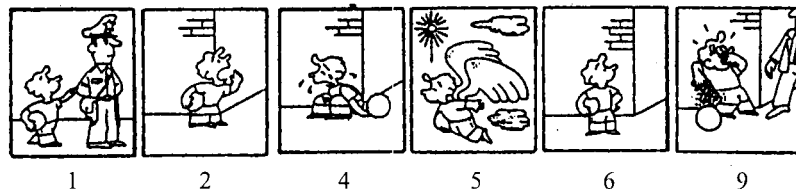
utiliza os mesmos grupos, cujas respostas são analisadas numa perspectiva mais restrita. Confirmada a capacidade discriminativa global da prova, surgia a necessidade de realçar alguns aspectos qualitativos das respostas que permitissem descrever características específicas dos diversos grupos.

Optou-se novamente pela resposta «escolha de cena», na medida em que, como foi referido, constitui o indicador mais objectivo e simples de classificar. No «sistema de análise das respostas» registam-se as cenas escolhidas de acordo com a sua categoria (Aflição, Fantasia e Realidade), não sendo nunca consideradas as nove cenas enquanto unidades individuais. Como se referiu na descrição da prova, existem alguns cambiantes entre as cenas da mesma categoria. Havia, assim, interesse em testar a possibilidade de discriminação entre os diversos grupos a partir da análise da frequência de escolha de cada uma das nove cenas, consideradas como itens independentes.

A observação das características das cenas mais escolhidas, e das cenas menos escolhidas, em cada um dos Cartões, pelos diversos grupos, poderá fornecer informação complementar para o entendimento da forma como elaboram as emoções suscitadas pelos diferentes estímulos.

Determinaram-se as frequências e percentagens de escolha de cada uma das nove cenas, em

FIGURA 3
Cartão I



cada Cartão, nos quatro grupos. Estabelecendo como critério de «frequência esperada» a que corresponde ao grupo de controlo, procedeu-se, pelo método do «Qui quadrado», à análise das diferenças encontradas, para identificar as cenas que discriminavam os grupos, a nível estatístico.

Resultados

A análise será efectuada independentemente para cada Cartão. Os resultados constam dos Quadros 3 a 9, onde se registaram as frequências e percentagens de escolha de cada uma das nove cenas, por cada grupo, em cada Cartão.

No Quadro 3 referente ao Cartão I (a personagem, ao passear com a mãe, fica perdida) encontram-se seis cenas que permitem diferenciar os grupos estudados em relação ao grupo de controlo: são as cenas 1, 2, 4, 5, 6 e 9.

As crianças *agressivas* escolhem com uma frequência significativamente inferior em relação ao grupo de controlo, a cena 4 e com uma frequência significativamente superior, a cena 6.

As crianças *isoladas* escolhem com uma frequência significativamente inferior em relação ao grupo de controlo, a cena 1 e com uma frequência muito significativamente superior, as cenas 5 e 6.

As crianças *ansiosas* escolhem, com uma frequência muito significativamente inferior em relação ao grupo de controlo, a cena 2 e com uma frequência muito significativamente superior, a cena 9. É interessante notar que, pertencendo as duas cenas à categoria de Aflição, é natural que estas duas tendências opostas resultem numa diminuição da capacidade discriminativa das respostas deste grupo se as considerarmos unicamente agrupadas por categoria.

Analisando as respostas do Quadro 4, referente ao Cartão II (a personagem está doente) encontram-se 4 cenas que distinguem as escolhas dos diferentes grupos: são as cenas 2, 3, 5 e 8.

As crianças *agressivas* escolhem, com uma frequência significativamente inferior em relação ao grupo de controlo, a cena 3 e com uma frequência significativamente superior a cena 5. Sendo ambas cenas da categoria Fantasia, uma vez mais se verifica o interesse de complementar a análise das respostas com este tipo de informação.

FIGURA 4
Cartão II



As crianças *isoladas* escolhem, com uma frequência significativamente superior em relação ao grupo de controlo, as cenas 2 e 8.

As crianças *ansiosas* também se diferenciam pela frequência de escolha da cena 8, mas, no caso destas crianças, ela é escolhida com uma frequência significativamente inferior relativamente ao grupo de controlo.

No Quadro 5, referente ao Cartão (passeio à praia e possibilidade de convívio com outras crianças) só duas cenas diferenciam as escolhas dos grupos: são as cenas 2 e 8.

FIGURA 5
Cartão III



QUADRO 4
Cartão II (Doença)

GRUPO / CENA	% DE ESCOLHA DAS CENAS				FREQUÊNCIA DE ESCOLHA DAS CENAS			
	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21
1	33%	29%	27%	29%	27	6	3	6
2	21%	19%	45%	24%	17	4	5*	5
3	42%	19%	36%	43%	34	4*	4	9
4	43%	57%	18%	57%	35	12	2	12
5	22%	43%	9%	16%	18	9*	1	4
6	27%	29%	9%	29%	22	6	1	6
7	20%	10%	18%	14%	16	2	2	3
8	32%	33%	64%	10%	26	7	7*	2*
9	59%	62%	73%	76%	48	13	8	16

* Diferença significativa

QUADRO 5
Cartão III (Passeio à praia)

GRUPO / CENA	% DE ESCOLHA DAS CENAS				FREQUÊNCIA DE ESCOLHA DAS CENAS			
	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21
1	51%	48%	36%	57%	41	10	4	12
2	23%	19%	55%	29%	19	4	6*	6
3	43%	43%	45%	48%	35	9	5	10
4	19%	19%	18%	29%	15	4	2	6
5	27%	33%	36%	24%	22	7	4	5
6	35%	24%	9%	38%	28	5	1	8
7	33%	24%	27%	24%	27	5	3	5
8	42%	67%	27%	29%	34	14*	3	6
9	27%	24%	45%	24%	22	5	5	5

* Diferença significativa

As crianças *agressivas* escolhem a cena 8 com uma frequência significativamente superior à que ocorre nas crianças do grupo de controlo.

As crianças *isoladas* escolhem a cena 2 com uma frequência significativamente superior em relação ao grupo de controlo.

No Quadro 6, referente ao Cartão IV (a personagem acorda com um pesadelo) são quatro as

cenas que diferenciam os diversos grupos em relação ao grupo de controlo: cenas 1, 2, 8 e 9.

As crianças *agressivas* escolhem, numa frequência significativamente superior à do grupo de controlo, as cenas 1 e 8. A cena 2 é por elas escolhida com uma frequência muito significativamente inferior à que ocorre no grupo de controlo.

QUADRO 6
Cartão IV (Pesadelo)

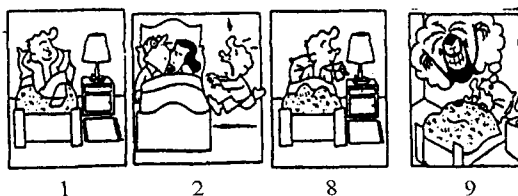
GRUPO / CENA	% DE ESCOLHA DAS CENAS				FREQUÊNCIA DE ESCOLHA DAS CENAS			
	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21
1	10%	24%	9%	24%	8	5*	1	5*
2	65%	33%	36%	76%	53	7**	4*	16
3	23%	14%	9%	38%	19	3	1	8
4	27%	24%	18%	24%	22	5	2	5
5	48%	57%	36%	52%	39	12	4	11
6	25%	19%	36%	19%	20	4	4	4
7	12%	10%	18%	10%	10	2	2	2
8	20%	38%	36%	5%	16	8*	4	1
9	69%	81%	100%	52%	56	17	11*	11

* Diferença significativa

** Diferença muito significativa

Também o grupo das crianças isoladas escolhe a cena 2 numa frequência significativamente inferior em relação ao grupo de controlo. A cena 9 é por elas escolhida numa frequência muito significativamente superior em relação ao grupo de controlo (a totalidade das crianças do grupo escolhe esta cena).

FIGURA 6
Cartão IV



As crianças *ansiosas* escolhem a cena 1 com uma frequência significativamente superior em relação ao grupo de controlo.

No Quadro 7, respeitante ao Cartão V (dia do aniversário da personagem), apenas o grupo das crianças agressivas se distingue do grupo de controlo e por uma única cena: trata-se da cena 2.

Esta cena é escolhida pelas crianças agressi-

vas com uma frequência muito significativamente superior à que ocorre no grupo de controlo.

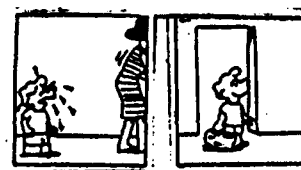
FIGURA 7
Cartão V



2

Na análise do Quadro 8, referente às cenas escolhidas no Cartão VI (a personagem assiste a uma briga dos pais), verifica-se que apenas duas, entre as nove cenas disponíveis, permitem encontrar diferenças significativas na comparação com as escolhas do grupo de controlo: são as cenas 4 e 8.

FIGURA 8
Cartão VI



4

8

QUADRO 7
Cartão V (Dia dos anos)

GRUPO / CENA	% DE ESCOLHA DAS CENAS				FREQUÊNCIA DE ESCOLHA DAS CENAS			
	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21
1	22%	19%	27%	38%	18	4	3	8
2	23%	52%	45%	24%	19	11**	5	5
3	20%	33%	18%	19%	16	7	2	4
4	21%	14%	18%	29%	17	3	2	6
5	57%	62%	45%	67%	48	13	5	14
6	32%	24%	27%	33%	26	5	3	7
7	32%	19%	9%	19%	26	4	1	4
8	77%	62%	82%	67%	62	13	9	14
9	18%	14%	27%	5%	13	3	3	1

** Diferença muito significativa

QUADRO 8
Cartão VI (Briga dos pais)

GRUPO / CENA	% DE ESCOLHA DAS CENAS				FREQUÊNCIA DE ESCOLHA DAS CENAS			
	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21
1	68%	62%	64%	57%	55	13	7	12
2	23%	14%	18%	10%	19	3	2	2
3	33%	48%	45%	48%	27	10	5	10
4	48%	33%	18%	57%	39	7	2*	12
5	33%	33%	45%	48%	27	7	5	10
6	15%	14%	0%	0%	12	3	0	0
7	26%	33%	36%	38%	21	7	4	8
8	20%	38%	36%	19%	16	8*	4	4
9	33%	24%	36%	24%	27	5	4	5

* Diferença significativa

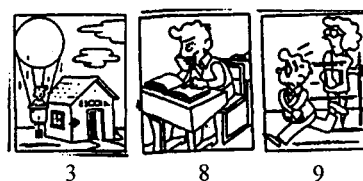
As crianças *agressivas* escolhem a cena 8 numa frequência significativamente superior à do grupo de controlo.

No grupo das crianças *isoladas* verifica-se que a cena 4 é escolhida numa frequência significativamente inferior à do grupo de controlo.

No Quadro 9, referente ao Cartão VII (a personagem enfrenta uma situação de dificuldade de aprendizagem face aos colegas e à professora) três cenas apresentam frequências de escolha que

permitem discriminação face ao grupo de controlo: são as cenas 3, 8 e 9.

FIGURA 9
Cartão VII



QUADRO 9
Cartão VII (Escola)

GRUPO / CENA	% DE ESCOLHA DAS CENAS				FREQUÊNCIA DE ESCOLHA DAS CENAS			
	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21	CON N=81	AGR N=21	ISO N=12	ANS N=21
1	58%	39%	55%	52%	47	8	6	11
2	51%	38%	55%	52%	41	8	6	11
3	12%	43%	9%	24%	10	9**	1	5
4	33%	24%	36%	14%	27	5	4	3
5	19%	14%	27%	19%	15	3	3	4
6	27%	14%	18%	19%	22	3	2	4
7	40%	29%	18%	48%	32	6	2	10
8	30%	43%	64%	29%	24	9	7*	6
9	31%	57%	18%	43%	25	12**	7	9

* Diferença significativa

** Diferença muito significativa

As crianças *agressivas* distinguem-se do grupo de controlo por escolherem, com frequências muito significativamente superiores, as cenas 3 e 9. A observação destas cenas revela uma intensa ansiedade face à situação proposta e uma fantasia de fuga que permite imaginar quanto é difícil e dolorosa, para estas crianças, a vivência desta situação.

Quanto ao grupo das crianças *isoladas*, é a cena 8, por elas mais frequentemente escolhida, que diferencia, a nível estatístico, as suas escolhas das do grupo de controlo.

Os resultados obtidos permitem afirmar que a frequência de escolha das diversas cenas, independentemente da sua categoria, permite diferenciar características do funcionamento emocional dos diversos grupos estudados, principalmente no grupo das crianças *agressivas* e *isoladas* (no grupo das crianças *ansiosas* essa caracterização é relativamente pobre). As cenas que distinguem aqueles dois grupos retratam aspectos da sua vivência interna claramente compreensíveis face às características de comportamento psicossocial que serviram de base à formação dos grupos.

Sintetizando alguns aspectos da informação obtida, sobressai, no grupo das crianças *agressivas*, que elas tendem a escolher com menor frequência as cenas em que são claramente expressos sinais de aflição, com excepção do Cartão V (dia do aniversário) em que escolhem com uma

frequência muito alta a cena 2, que representa um acontecimento frustrante. Escolhem com menor frequência as cenas que representam situações de proximidade em relação às figuras parentais, manifestando preferência por cenas em que enfrentam, por si sós, as situações críticas. A característica especial da sua reacção ao meio escolar, particularmente relevante, foi já referida.

Nas cenas que distinguem o grupo das crianças *isoladas* surge uma clara preferência por aquelas em que a personagem aparece sozinha, retratando claramente os aspectos do seu comportamento. Este é ainda nítido na preferência pela cena 2 do Cartão III (passeio à praia) em que a personagem está isolada, de costas para as outras crianças, e apresentando uma postura que expressa embaraço e atrapalhão. Saliente-se ainda a preferência pela cena 2 do Cartão II que representa a recusa da ajuda materna.

Pode, assim, afirmar-se o interesse em complementar a informação registada no «sistema de análise das respostas» com a informação relativa às cenas escolhidas.

Os estudos referidos indicam o interesse da prova na compreensão da reacção emocional das crianças face aos estímulos apresentados. Eles cingiram-se, como foi referido, a aspectos particulares das respostas «cenas escolhidas»,

dada a sua facilidade de registo. No entanto, os elementos de interpretação decorrentes das histórias verbalizadas têm, igualmente, vindo a ser objecto de estudo.

A prova tem ainda sido regularmente utilizada no contexto de estudo de casos, onde se verifica fornecer informação relevante e complementar daquela que se obtém com outras provas projectivas, bem como da que a entrevista lúdica fornece.

Outros estudos têm vindo a ser conduzidos com amostras de crianças com características diversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Beier, E.G. (1966). *The Silent Language of Psychotherapy*. Chicago: Aldine Publishing Company.
- Blum, G. (1966). El Test de «Blacky» Aplicado a Niños. In *Técnicas Projectivas para Niños* (Albert. I. Rabin & Mary R. Haworth, Eds.), pp.107-115, Buenos Aires: Paidós.
- Corman, L. (1981). *Le Test PN. Manuel*. Paris: Presses Universitaires de France. (Publicado originalmente em 1961).
- Duss, L. (1971). *La Méthode des Fables en Psychanalyse*. Paris: L'Arche. (Publicado originalmente em 1950).
- Fagulha, M.T. (1992). *A Prova «Era uma vez...»*. Uma Prova Projectiva Para Crianças. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Fagulha, T. (1993). *A Prova «Era uma vez...»*. Prova Projectiva Para Crianças. Manual e Material. Lisboa: Edição da autora.
- Freud, S. (1978). Inhibitions, Symptoms and Anxiety. In *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*, Vol. XX, pp 77-178, London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis. (Publicado originalmente em 1926).
- Kendal, P.C. & Ronan, K.R. (1990). Assessment of Children's Anxieties, Fears, and Phobias: Cognitive Behavioral Models and Methods. In *Handbook of Psychological and Educational Assessment of Children*. (Cecyl R. Reynolds & Randy W. Kamphaus, Eds.), pp. 122-144, New York: The Guilford Press.
- Klein, G.S. (1972). The Vital Pleasures. *Psychoanalysis and Contemporary Science*, Annual: 181-205.
- Klein, M. (1973). *The Psycho-Analysis of Children*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis. (Publicado originalmente em 1932).
- Leal, M.R.M. (1985). *Introdução ao Estudo dos Processos de Socialização da Criança*. Lisboa: edição da autora. (Publicado originalmente em 1975).
- Rutter, M. (1967). A Children's Behaviour Questionnaire for Completion by Teachers: Preliminary Findings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 8: 1-11.
- Traubenberg, N.R. (1983). Utilisation des Tests en Psychologie Clinique en France. Critiques et Réalisations. *Bulletin de la Comission Internationale des Tests et de la Division d'Evaluation en Psychologie de L'AIPA*, 27: 23-27.
- Winnicott, D.W. (1975). *Jeu et Réalité*. Paris: Gallimard. (Publicado originalmente em 1971).
- Wurstein, H. (1966). Completamiento de Cuentos: Los Cuentos de Madeleine Thomas Y Otros Métodos Similares. In *Técnicas Projectivas para Niños* (Albert, I. Rabin & Mary R. Haworth, Eds.), pp.181-192, Buenos Aires: Paidós.
- Zimmerman-Tansell, C., Minchetti, T., Tacconi, A., Tansell, M. (1978). The Children's Behaviour Questionnaire For Completion By Teachers In An Italian Sample. Preliminary Results. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 19:167-178.

RESUMO

A prova «Era uma vez...» é uma nova técnica projectiva para crianças. É uma prova de completamento de histórias, que são apresentadas em três cenas de banda desenhada. Para completar a história a criança tem à sua disposição nove cenas desenhadas, entre as quais deverá escolher três e organizá-las em sequência. As nove cenas estão agrupadas em três categorias: Aflição, Fantasia e Realidade. A prova tem como objectivo descrever o modo como as crianças elaboram a ansiedade e o prazer, estados afectivos fundamentais no desenvolvimento psicológico. A autora apresenta as teorias de referência para a construção da prova e descreve o seu material e forma de aplicação. Apresenta-se um estudo inicial, com uma amostra de 162 crianças, entre 5-9 anos, que permitiu conhecer a reacção das crianças à prova, características das respostas, etc. Um outro estudo, com uma amostra de 245 crianças entre 6-8 anos, incidiu sobre a caracterização do padrão de respostas «categoria de cena escolhida/posição na sequência». Um estudo com três grupos de crianças (agressivas, ansiosas e isoladas) revelou a possibilidade de diferenciar, a nível estatístico, as respostas dos três grupos, entre si e em relação ao grupo de controlo.

ABSTRACT

The projective test «Era uma vez...» (Once upon a

time...) is a new projective technique for children involving story completion. The stories are presented in three cartoon episodes, and the child must choose from among nine small scenes and put them in sequence to tell a story; these scenes differ in their characteristics: either they represent anxiety, fantasy, or reality possible outcomes. The test aims to describe how children elaborate emotions, mainly anxiety and pleasure, that are fundamental affects in psychological adaptation. The author presents the theoretical background of the test. The characteristics of the material and application are described. The test was initially studied with a group of 162 children, from 5-9 years old. It focused the children's reaction to the test situation, the variability of the choice of the pictures, etc. The test was also studied with a group of 245 children, 6-8 years old, to characterize the frequency with which the different category scenes were chosen according to its placement in the sequence. The author also presents a study with three groups of children with aggressive, anxious and isolated behavior. The results indicated that the three groups could be statistically differentiated from each other and from the control group.

RESUME

L'épreuve projective «Era uma vez...» (Il était une fois...) est une nouvelle technique projective pour enfants. Il s'agit d'une épreuve où l'on demande à l'enfant de compléter des histoires présentées sous forme de planches avec trois scènes de bande dessinée. À fin de compléter l'histoire, l'enfant dispose de neuf scènes dessinées: il doit en choisir trois et les organiser en séquence. Les neuf scènes sont groupées en trois catégories: anxiété, fantaisie et réalité. Le but de l'épreuve est de décrire comment les enfants élaborent l'anxiété et le plaisir, affects fondamentaux dans le développement psychologique. L'auteur présente le cadre théorique de la construction de l'épreuve et décrit le matériel et la forme d'application. Il présente aussi l'étude initial, avec un échantillon de 162 enfants, entre 5 et 9 ans, étude qui porta sur la réaction des enfants au test, les caractéristiques des réponses, etc. Une deuxième étude, sur un échantillon de 245 enfants entre 6 et 8 ans, vise la caractérisation du type de réponse «catégorie de scène choisie/sa position dans la séquence». Finalement, une étude sur trois groupes d'enfants (agressifs, anxieux et isolés) montra la possibilité de différencier les groupes, entre eux, et par rapport au groupe contrôle.